“Estamos na *live*”: O trabalho com jovens e adolescentes autistas e psicóticos durante a pandemia. O que podemos inventar?

Leticia Gonçalves Loback Siqueira¹

Palavras-chave: Pandemia; autismo; psicose; prática entre vários.

O presente trabalho discute os impasses que a pandemia apresentou ao projeto “Circulando e traçando laços e parcerias: atendimento para jovens autistas e psicóticos - do circuito pulsional ao laço social”, vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no qual atuo enquanto estagiária e extensionista desde 2019.

O projeto é inspirado na prática entre vários com adaptações à realidade brasileira e ao nosso público juvenil. O “Circulando”, forma abreviada e carinhosa que costumamos utilizar, parte da premissa que é possível estabelecer formas de tratamento em um dispositivo clínico ampliado, utilizando dos recursos culturais disponíveis na cidade para a tentativa de inserção dos sujeitos autistas e psicóticos no laço social. Dessa forma, nós pensamos que os locais frequentados pelos jovens (casa, escola, CAPS ou CAPSi, museus, entre outros) não representam apenas lugares geográficos, mas sim pontos de referência que podem viabilizar formas inventivas de interlocução com o Outro.

A pandemia de Covid-19 representou um rompimento abrupto do nosso trabalho com os jovens. Segundo Canguilhem (2011), a doença impõe aos organismos uma nova dimensão da experiência vital com o meio. Dessa forma, podemos pensar, de maneira preliminar, que o momento pandêmico e a adoção de medidas de segurança, como o isolamento social, estabeleceram novas formas de vida aos sujeitos. De maneira radical, as relações com os outros e com a própria pólis foram afetadas. Os sujeitos autistas e psicóticos não estão apartados de enfrentar essa realidade, visto que seus locais de referência, como o próprio projeto, também tiveram seu funcionamento alterado.

¹Graduanda em Psicologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); lobacklet@gmail.com

Diante da impossibilidade de nos encontrarmos com os jovens, deparamo-nos com o primeiro impasse em manter a continuidade do trabalho no tempo e no espaço de maneira frequente e regular, o que Di Ciaccia (2005) aponta enquanto fundamental para a efetividade das intervenções com esses sujeitos. Considerando a importância da sensação de imutabilidade para o autismo, marcada desde a invenção do termo por Kanner, podemos pensar que essa mudança pode ter um efeito pronunciado nestes casos. Durante os primeiros meses de isolamento, recebemos relatos de pais e mães que demonstraram um agravamento das condições psíquicas de seus filhos.

Continuamos apostando que era possível acompanhar o trabalho de nossos pacientes, mesmo com os impasses desse período. Nesse sentido, Ribeiro (2021) também pensa que a possibilidade de intervenção do analista passa pela sua tentativa de inclusão no trabalho que o próprio sujeito autista já realiza. Desse modo, com essas orientações, não buscamos de antemão estabelecer práticas estruturadas, inventando a cada encontro com cada sujeito novas formas de saber-fazer.

Como em outras atividades, a utilização de meios remotos foi a via encontrada para o Circulando nesse período. Optamos por realizar videochamadas com um ou dois pacientes, acompanhados por dois estagiários. Percebemos que, em lives muito numerosas, os sons se tornavam excessivos para os pacientes.

Como Maleval (2018) argumenta, as crianças autistas tendem a recusar ou reter os objetos das primeiras trocas com os outros (as fezes, o alimento, o olhar e a voz). Essa recusa representa uma defesa contra as expectativas do Outro, que incidem sobre eles de maneira avassaladora. Em relação ao objeto voz, ele discorre: “a recusa de inserir a voz na troca gera duas condutas frequentes no autista: o mutismo quando uma resposta lhe é exigida e tapar as orelhas quando lhe falam.” (Maleval, 2018, p. 7). Observamos que essas duas condutas se mostravam ainda mais pronunciadas em encontros virtuais com muitos participantes.

A fim de exemplificar a experiência de trabalho com o Circulando nesse período, é interessante trazer um breve relato de um paciente atendido por nós. Nathanael é um jovem autista de 26 anos que participa do projeto há cerca de dez anos. Antes da pandemia, ele participava do “Ponto de encontro” - oficina livre em que os próprios pacientes escolhem e organizam as atividades, junto ao auxílio de estagiários.

Começamos os encontros virtuais com Nathanael através de uma atividade simples, que já tínhamos feito com ele presencialmente, escutando juntos uma música de sua escolha.

A partir disso, novas atividades apareceram. Ele começou a mostrar os brinquedos em seu quarto e as estampas de suas camisas. Contudo, Nathanael apresentava dificuldade em mostrar os objetos pela câmera, ele parecia acreditar que nós estávamos juntos em seu quarto. Nesses momentos, fizemos uma intervenção: “assim não estou vendo, você tem que mostrar para a câmera”, no qual ele ajusta o objeto a seu celular, pedindo uma confirmação: “e agora, viu?”.

Podemos pensar, então, sobre qual seria a função exercida pela tela no atendimento online. Ao trabalhar a noção de olhar, Lacan (2017) introduziu a ideia do écran, aquilo que faria uma mediação ou anteparo entre o objeto e o quadro que se produz no ponto do olhar. Alguns analistas usam essa passagem para pensar a tela das novas tecnologias. Tizio (2006) caracteriza a tela como um véu, que projeta uma imagem, mas vela aquilo que está fora do retângulo. O movimento de Nathanael pode apontar um uso particular da tela, visto que ele não se apoiou na própria imagem refletida, mas na palavra dos analistas para se posicionar. Poderia a tela apresentar para o autismo uma mediação em relação à alteridade intrusiva?

A partir desse impasse diante da tela, Nathanael começou a apontar para novas formas de trabalho. Daquilo que parecia ser uma dificuldade do rapaz em nos mostrar objetos, passamos a participar de um certo jogo, em que ele saía do enquadramento da câmera, nós perguntávamos “cadê você, Nathanael?” e ele retornava. Ele aparecia e sumia, se fazia presente e ausente, tal qual o “fort-da” descrito por Freud (1996). Diferente do menino que utilizava o carretel na brincadeira, o próprio corpo de Nathanael que faz o movimento para representar esse par de opostos sobre a tela.

A partir do conceito de neo-borda proposto por Laurent (2014), nos interrogamos sobre a invenção dessa brincadeira pelo jovem. Acreditamos que, nesse jogo de aparecer e sumir, Nathanael poderia estar tentando operar alguma separação possível em relação ao Outro e ao gozo avassalador que sobre ele incide. A construção dessa borda permite a ele não estar completamente tomado pelo real, ao mesmo tempo que cria um espaço de trocas e de jogo com os analistas.

Além disso, o jovem também passou a mostrar fragmentos de seu corpo. A barba, o braço, a espinha e o pé começaram a ser refletidos na tela sempre seguidos da

pergunta: “Tá vendo?”. Segundo Kupfer (2000), encontramos em sujeitos autistas uma desordenação dos registros simbólico e imaginário. A partir desses entraves estruturais, surge uma dificuldade em, a partir da fala do Outro, formar uma imagem corporal - tal qual no “estádio do espelho” descrito por Lacan (1998). Assim, nossa intervenção foi no caminho de acusar a recepção dessas imagens recortadas apresentadas por Nathanael, apostando que isso possa viabilizar a construção de algo que se aproxime, ainda que de maneira provisória e precária, de uma imagem corporal.

Percebemos que Nathanael passou a falar mais nas nossas videochamadas, em comparação às oficinas presenciais que fazíamos. No “Ponto de Encontro”, ele era um dos pacientes mais quietos, só respondendo de maneira monossilábica quando era oferecida uma atividade. Por outro lado, nos encontros virtuais, o jovem passou a se posicionar mais. Em algumas frases, Nathanael parece conseguir se enunciar em primeira pessoa usando o pronome “eu” - fenômeno raro entre os autistas.

Portanto, é notório que Nathanael fez um uso criativo das atividades remotas no período da pandemia. Em dado momento, o jovem disse em referência a videochamada: “é a live, a live do Circulando”. A criação desse nome para nossos encontros virtuais marca uma diferença com o período anterior presencial. A partir do caso do jovem, refletimos que a invenção diante de um impasse clínico se mostrou essencial para o trabalho do projeto durante a pandemia.

Diante da catástrofe sanitária, ainda assim foi possível, pelos caminhos que os jovens foram nos apontando, criar novas formas de atendimento. Cabe ressaltar que isso só foi possível pelo fortalecimento da transferência e da parceria com os jovens e com os outros que os cercam (escola, família e rede de saúde). Contudo, esse momento não é sem perdas e nem todos os jovens do projeto conseguiram participar durante a pandemia. Mesmo muito desejantes, algumas questões socioeconômicas, como falta de acesso à internet, e de saúde, falecimento de um ente próximo, dificultaram que alguns pacientes prosseguissem o tratamento de maneira regular. Nesses casos, buscamos manter contato via telefone e prestar o apoio possível.

Além disso, outros impasses também apareceram nesse último ano. A presença dos pais juntos aos filhos no mesmo ambiente durante as videochamadas nos trouxe questões. Com o tempo, conseguimos construir com as famílias uma separação possível de sustentar nesse momento difícil. A criação de um grupo de pais online também foi

uma alternativa encontrada para que eles pudessem ter seu próprio espaço. Ademais, o recurso aos objetos, tão importante no autismo, ficou dificultado e apostamos em outras saídas, como a música, os jogos de imitação e o teatro. Após esse longo período de trabalho criativo, ainda que muito árduo, atualmente o projeto Circulando ensaia um retorno gradual das atividades presenciais.

Referências

- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- DI CIACCIA, A. A prática entre vários. In: ALTOÉ, S.; DE LIMA, M. M. (Org.). **Psicanálise, clínica e instituição**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005, p. 34-55.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KUPFER, M. C. M. Notas sobre o diagnóstico diferencial na psicose e no autismo na infância. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 85-105, jun. 2000
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017, p. 95.
- LAURENT, E. **A Batalha do Autismo**: da Clínica à Política, Editora Zahar, 2014.
- MALEVAL, Jean-Claude. Da estrutura autista. **Revista Asephallus de Orientação Lacaniana**: Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo, Rio de Janeiro, v. 26, n. 13, p. 4-38, maio de 2018.
- TIZIO, H. **Casais pela internet**. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana nº02, 2006. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/edicao_2/casais_2.html Acesso em 15 de outubro de 2021.